

29 Nov 2014 – 29 Mar 2015

SER DO RITMO ANUAL
BEING OF THE YEARLY RHYTHM



BEING OF THE YEARLY RHYTHM

Gabriela Albergaria

29 November 2014 – 29 March 2015

Temporary exhibition

LUZ MUSEUM

Nature/Culture

The installation by Gabriela Albergaria in Museu da Luz (much like the overall themes she uses in her body of work) points toward modes of expression from outside the world or art and culture, which she then incorporates into that very world. The artist uses materials and practices which an untrained audience might relate to a universe quite diverse from that of artistic production – not one that is set earlier, or is more important, but one that runs parallel to it.

Representational art, namely figurative art, often uses nature (either landscapes or its isolated elements) as a means to express feelings or visual and plastic values. What Gabriela Albergaria does is to use materials directly from nature itself (branches, leaves, roots, various sorts of soil, etc.) to enact nature. The artist will approach universes featuring agents whose interests and ends are much different from those of art – they seem too close to the materials from nature itself or the materials employed by nature transformation techniques: steel cables, various technical instruments, tillage and grafting techniques, and so on. Thus, the artist establishes modes of representation (which is to say she presents an image of an object instead of the object itself) which differ greatly from those traditionally provided by sculpture, painting, drawing or photography. Each of her works is a “deviated tautology”: each object is what it is (tautology), but contains a degree of deviation (either a critical comment or poetic metaphorization) which displaces it from the sphere of nature into the sphere of art.

There are two moments to this exhibit: some vine stem cuttings in glass showcases, and a few tree segments, installed in the White Room. In the first case, we have moulds based on a reality (bronze and painting); in the second, we have fragments from another reality. The moulds mimetically reproduce eleven grafts from as many vine grape varieties from Alentejo. The trees (branches or segmented trunks from cork oak and holm oak trees) compose a scenographic space. In the first instance, we have a “sculptoric derivation” which works as a “documental simulation” (accentuated by it being represented in a glass showcase) of the history of Portuguese viticulture (the grafting of regional grape varieties onto American vines, in order to save national production, namely from Alentejo, after a phylloxera epidemic in the late nineteenth century). In the second instance, where each element clearly defines a space, as well as defining our own path in this space, a “minimal landscape” is created. This works not only as a stage onto which we are invited as actors, but also as a synthesis of a naturated nature: one

nature which has been manipulated, designed and controlled by human will, and serves as a fragment of an “ideal garden”.

Gabriela Albergaria establishes a relation with consumable goods (wine, fruits, wood, cork), with the rhythms of their biological realities (birth, growth, reproduction, death), as well as with economic efficacy and productivity (selection, verification, specialization), and in doing so she assumes all the objective values which pertain to a critical reflection on social reality. At the same time, the artist also assumes all the metaphorical values incorporated into those materials and operations, which put her in the pure realm of poetry and of reconnection between different spheres of reality.

In both cases, farming techniques are transformed into art values. The examples provided confirm that the universes in which natural elements, technical elements and artistic objects belong to are not conclusively separate. By assimilating the formal result into works of art, Gabriela Albergaria contributes to the reaffirmation of culture as human nature (according to a consideration by Alberto Carneiro, pioneer in this field of intervention). She also alerts us to the need to be conscious of the annual renewal rhythms of nature, the metaphorical aperture they represent, and also to the ancestral nature of the relations between mankind and nature, the techniques used to master nature and the cultural metaphorization of this relation. That which was fundamental to establish our mastery over nature is also fundamental in ensuring our permanence in nature, which is to say our survival in it.

João Pinharanda

Lisbon, September 2014

Coordination: Museu da Luz with the author
Text: João Pinharanda
Production: Museu da Luz with the author
Recollection: Team of the Noudar Nature Park
Setting/montage: Janes e Ramalho
Design: vivóeusébio
Translations: Stativa and Museu da Luz
Courtesy: Galeria Vermelho (São Paulo, Brazil);
Galeria Vera Cortês (Lisbon, Portugal)
Insurance: SegurAssiste/Fidelidade
Promotion: EDIA, S.A./Museu da Luz

* Gabriela Albergaria used for the construction of the work 'Untitled' (Luz Room) trunks and fragments from the Autumn pruning of holm trees at Noudar Nature Park (Barrancos, Alentejo, Portugal: LAT 38.175501; LON -7.039624).

SER DO RITMO ANUAL

Gabriela Albergaria

29 Novembro 2014 – 29 Março 2015

Exposição temporária

MUSEU DA LUZ

Natureza/Cultura

A operação desenvolvida por Gabriela Albergaria no Museu da Luz (como a generalidade da sua obra) remete para modalidades de expressão exteriores ao mundo da arte e da cultura que depois incorpora nesse mesmo mundo. A artista recorre, na execução das suas obras, a materiais e práticas que, na percepção não especializada dos públicos, se podem relacionar com um universo muito diferente do universo da produção artística – não anterior ou mais significativo, mas paralelo a ele.

A arte representativa, nomeadamente a arte figurativa, recorre abundantemente à Natureza (à paisagem ou aos seus elementos isolados) como meio de expressão de sentimentos ou valores visuais e plásticos. O que se passa com Gabriela Albergaria é a utilização directa dos próprios materiais da Natureza (ramos, folhas, raízes, terras diversas, etc.) para falar da Natureza. A artista aborda universos protagonizados por agentes com destinos e interesses muito diferentes dos da arte – porque parecem demasiado próximos dos materiais da natureza ou dos materiais implicados nas técnicas de transformação da natureza: cabos de aço, instrumentos vários, técnicas de plantio e enxertia, etc.. Assim, a artista estabelece modalidades de representação (quer dizer, apresentação da imagem de uma coisa em substituição dessa mesma coisa) muito diversas das que tradicionalmente nos dão a escultura, a pintura, o desenho ou a fotografia. Cada uma das suas obras é uma "tautologia desviada": cada coisa é o que realmente é (tautologia) mas comporta um grau de desvio (uma intenção de comentário crítico ou de metaforização poética) que a desloca da esfera da Natureza para a esfera da Arte.

Nesta exposição temos dois momentos: algumas amostras de pés de vinha, vistos em vitrina e alguns segmentos de árvores, montados na Sala Branca. No primeiro caso, trata-se de moldes (bronze com pintura) de uma realidade, no segundo, de fragmentos de uma outra realidade. Os moldes reproduzem mimeticamente 11 enxertos de outras tantas castas vitícolas alentejanas. As árvores (ramos ou troncos segmentados de sobreiros e azinheiras) constroem um espaço cenográfico. No primeiro caso, temos uma "derivação escultórica" que funciona como "simulação documental" (a apresentação em vitrina acentua esse lado) da história da viticultura portuguesa (o enxertio em castas regionais em vinha americana, para salvar a produção nacional, nomeadamente alentejana, depois do ataque da filoxera no final do séc. XIX). No segundo caso, onde cada elemento cumpre um papel de marcação do espaço e de marcação no nosso próprio percurso nesse espaço, temos a criação de uma "paisagem mínima", funcionando como palco que nos convida a ser

actores, funcionando como síntese de uma Natureza naturada, quer dizer, de uma Natureza intervencionada e manipulada, desenhada e controlada pela vontade humana, funcionando como fragmento de um "jardim ideal".

Ao relacionar-se com matérias consumíveis (vinho, frutos, madeira, cortiça), com os ritmos das suas realidades biológicas (nascimento, crescimento, reprodução, morte), bem como com a eficácia económica e de produtividade (selecção, apuramento, especialização), Gabriela Albergaria assume todos os valores objectivos que importam a uma reflexão crítica sobre a realidade social mas assume também todos os valores metafóricos incorporados nesses materiais e operações colocando-se então no puro campo da Poesia e das tarefas de religação entre diferentes esferas da realidade.

Em ambos os casos se trata de usar as estratégias desenvolvidas por algumas técnicas de trabalho agrícola transformando-as em valores de arte. Os exemplos dados confirmam-nos que a separação dos universos a que pertencem os elementos naturais, os elementos técnicos e os objectos artísticos é falsa. Ao assimilar o resultado formal obtido a peças de arte, Gabriela Albergaria contribui para re-afirmar a Cultura como a Natureza do Homem (segundo uma reflexão de Alberto Carneiro, pioneiro europeu neste campo de intervenção). E alerta-nos também para a necessidade de estarmos conscientes da realidade dos ritmos de renovação anual da Natureza, da abertura metafórica que eles representam e ainda da ancestralidade das relações entre Homem e Natureza, das técnicas de domínio da Natureza e da metaforização cultural dessa relação. O que foi fundamental para firmar o nosso domínio sobre a Natureza é-o também para garantir a nossa permanência na Natureza, quer dizer, a nossa sobrevivência nela.

João Pinharanda

Lisboa, Setembro de 2014

Coordenação: Museu da Luz com a artista
Texto crítico: João Pinharanda
Produção: Museu da Luz com a artista
Recolhas: Equipa Parque de Natureza de Noudar
Montagem: Janes e Ramalho
Design: vivóeusébio
Traduções: Stativa e Museu da Luz
Cortesia: Galeria Vermelho (São Paulo, Brasil);
Galeria Vera Cortês (Lisboa, Portugal)
Seguros: SegurAssiste/Fidelidade
Promoção: EDIA, S.A./Museu da Luz

* Gabriela Albergaria utilizou para a construção da peça 'Sem título' (Sala da Luz) troncos e fragmentos de azinheiras provenientes das podas de Outono do Parque de Natureza de Noudar (Barrancos, Alentejo, Portugal: LAT 38,175501; LON-7,039624).